

Director: António Dantas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

FALEMOS CLARO

A falta de outros argumentos que os energúmenos servidores de 3.ª classe do partido democrático local possam apresentar para atizar contra nós a sanha do mesmo partido, servem-se do velho e estafado cavalo de batalha que de muito lhes tem servido para fins utilitários — que nós combatemos neste jornal as instituições vigentes.

Em artigos anteriores provamos suficientemente e de forma irrefutável nestas colunas, que não só nunca combatemos as actuais instituições, mas as temos respeitado quanto as pode respeitar um português que ama o engrandecimento do seu país porque nós sempre consideramos a República como um regime preciso em Portugal para sanear esta nacionalidade dos desmandos que a monarquia vinha pondo em prática de há uns anos até 5 de Outubro de 1910, em que liquidou vergonhosa e fraudulentamente.

Se é verdade que nunca nestes últimos anos — porque anteriormente alguma coisa existe — nos filiamos em qualquer agremiação ou centro republicano, porque nunca tivemos em nenhum apreço essas meras formulas de pedantismo republicano, moléstia que grassou em tempo muito nesta terra e cujos efeitos de contágio ainda hoje a miúdo se observam, também ninguém nos pode acusar de pertencermos a qualquer agremiação monárquica ou qualquer facção política da monarquia.

Fomos sempre um indiferente, como não podíamos deixar de ser, em virtude de o nosso feitio se não coadunar com o que observávamos.

Se quando aqui veio o Sr. Correia Barreto, Ministro da Guerra do Governo Provisório, ninguém nos viu a soltar vivas delirantes atrás do *auto* que o conduzia, também ninguém nos pode acusar de nos ter visto atrás do sr. D. Manuel, quando aqui veio, a aclamá-lo.

Se desde a implantação da República, e portanto desde que a Portuguesa foi adoptada como hino nacional, raras vezes nos tem visto no jardim público às horas da música, digam-nos os que disso nos acusam quantas vezes nos viram no tempo do hino da Carta no mesmo jardim, às mesmas horas.

Se criticamos amplamente a febre de comícios que em tempo aqui se desencadiou, respondam-nos homens sensatos o que eram esses comícios em que falavam homens, na sua maior parte inexperientes e alarvados, que em vez de acreditarem as virtudes da República a tornavam antipática e odiada, pois despediam sobre o povo que queriam atrair uma chuva de impropérios e de insultos, o que dava em resultado este corrê-los à pedra.

Isto, quanto ao nosso procedimento pessoal.

Como escrevinhador deste jornal de que nos podem acusar?

Os seus números aí estão todos publicados e dispersos e aponte-se nos onde esteja uma palavra só que seja ofensiva das instituições vigentes.

Não pode haver uma só, porque nunca neste jornal se ofendeu a República.

Ao contrário. Se lerem com atenção os jornais publicados não de encontrar palavras de profundo respeito pela República.

Nós respeitamos a República, nós já há muito que desejávamos a República, porisso nós não podíamos combater a República.

Encontram-se, sim, nesses jornais ataques aos homens, mas nesses ataques há restrições que convem esclarecer.

Não há lá uma só palavra de censura a um homem de bem.

Não há lá uma só palavra acre para um republicano digno deste nome, isto é: um republicano sincero, um republicano de carácter, um republica-

no moldado nos ditames da Verdade, da Justiça e da Ordem.

As palavras de censura que se encontram são para os energúmenos servidores de 3.ª classe do partido democrático, aqueles que escalavam prédios pela calada da noite, que quebravam taboetas, que sujavam portas, que insultavam os pacíficos transeuntes, que faziam esperas, que armavam ciladas, que projectavam assaltos a propriedades, e um republicano autentico, um republicano que se prese não desce a estas baixeiras.

Fica portanto demonstrado que nunca neste jornal atacamos nem a República nem os republicanos, e alguém que o não acredite e se queira certificar tem a pequena colecção do *Lusitano* à sua disposição.

Quanto à nossa política seguimos uma muito diferente à dos energúmenos servidores de 3.ª classe do partido democrático local.

Desde que um simples acaso nos pôs em contacto com o sr. António José de Almeida, desde que recebemos um amável cartão seu datado de Lisboa em 30 de Outubro do ano passado anunciando-nos a sua visita a esta cidade nessa mesma semana, e com ele aqui trocamos palavras amistosas, sentimos que uma fôrça irresistível nos atraía para ele e pessoalmente abraçamos a sua política.

Eis o crime de que nos podem acusar os energúmenos servidores de 3.ª classe do partido democrático local.

Seguimos, sempre coerente com os nossos princípios, uma política diferente da sua, isso é verdade, mas que atacamos a República ou os republicanos isso é uma falsidade que só a mais requintada má fé pode produzir.

Assim como da República aos homens há uma distância imensa, assim ela também existe entre os homens e a canalha.

E nós sabemos, felizmente, medir as distâncias.

António de Souza.

Sejamos republicanos sem... adjectivo

(A quem pensar como este Nivardo—muita saúde e fraternidade).

Como também em política tudo corre célere e se metamorfoseia!...

Em 5 de outubro do primeiro ano da *Liberdade* haveria na pacífica, industrial, religiosa e franquista Guimarães — uma duziasinha de republicanos e deles uns seis apenas de forte e velha tempera; para tais homens haja honras e flores, pois bem as merecem. Passado, porém, o primeiro aniversário, era um pasmar e louvar a Deus por tantas conversões á causa santa da *Fraternidade*, quasi todas por moda ou conveniência e as restantes por... espírito de imitação.

Não foi assim? Então, melhor! Pensou-se que na República, pura e santamente idealizada, os homens tratar-se iam como anjos celestiais ou nubentes em dia de bodas; seriam todos cidadãos livres, conscientes de seus direitos e deveres fraternais até ao mútuo tratamento de tu!...

! Seria um paraíso ubérrimo em delícias, um céu sem nuvens!

Estala, porém a *trovoada couceirista* que com as descargas da granizada de boatos, arrefece o ânimo a muitos, torna tibios ou

descrentes uma grande parte e... (o que não sonha o coração do homem?!); faz renascer a esperança de *melhores dias, mais gordinhos e chorudos dias* de pavoneamento e mando a alguns *viúvos da dona clientela*!

Nos jornais refulgem como prata limpa aos raios solares — uns caracteres austeros e dedicados que acatando as novas instituições vão, todavia, *desaconselhando* ou *renegando pensões* dadas por qualquer via ou *sob qualquer título*, tudo com os olhos no *santelmo bonançoso*, que em Valença e Chaves deixou morrer a sua centelha azul-branca!

Mas, *santelmo fátuo* fugiu e bondoso sempre, deixou coragem para *duas heroïcidades*: aceitar reverentes e comovidos as felicitações dos bispos e o louvor de republicanos como Eduardo de Abreu e Abade de Padornelo — e a alma cândida e o punho firme para assinar *com letras de ouro* o nome bendito dos convertidos *metalicamente* à causa da Igualdade...

! Felizes os que se *benzem* com ramo da Oliveira, que é símbolo da paz!

! Aqui na decantada Guimarães notou-se ainda sob a influência da referida *trovoada* um arco-iris de esperanças bonança; aliavam-se ali os roxos, azuis, anilados, verdes, amarelos, alaranjados e encarnados!...

Este arco de aliança foi a visita do cidadão António José de

Almeida, que *facultativo e tribuno* vinha oferecer-nos a dupla panaceia para o corpo e para... a política, pois crença em *almas*, nem as rudes e singelas de Aldeia-Galega que tanto o estimam, acho que acredita!

Sua Excelência, falou no teatro Afonso Henriques, sempre com grande calor e convicção sobre muitas coisas: foi mesmo uma lição de coisas, exposta com arte, mas ninguém ficou sabendo que programa seguiria o Evolucionismo!...

E dizer-se que muitos pensavam em curar-se das *seções malditas* provocadas pela *cáustica Intangível!!!*

! E assim se viveu até 25 de Agosto deste ano em que o Iris de sete cores se transformou em esperanças lindas e coloridas flores espalhadas a esmo pela língua áurea do *Discipulo amado* de António José!

! Está, pois, dividida a grande família vimaranense como há três anos! — Afonsistas, Almeidistas e... *Indiferentes!*

! Quem formará sincera e resolutamente ao lado do primeiro ministro da Justiça do Provisório?

! Quem seguirá a *bandeira linda e romanesca* do Almeidismo?

! E quem se demora pachorrento e delicioso por aqueles bancos dos cafés e jardins, sorrindo com benévola malícia à passagem dos novos e ardentes salvadores?

! Será afonsista... quem for republicano rubro-radical, ateu mesmo!; — afonsista quem pensa ser a República um dogma e a obediência cega ao *directório* um preceito do Alcorão; enfim, será ainda afonsista quem não tiver mulher ou noiva que ralhe, censure ou chore quando ouvir o homem que ela adora gritar: — «Morrão os padres!... morte ou destêrro aos talassas!...»

! A República só para nós como a América para os americanos!

Para o Almeidismo, — os que sentem necessidade de também aparecer à luz da Igualdade, mas não de *vestido tam escarlata*; é que o *iris* tem sete cores e... há muito que combinar para arranjar uma que agrade à vista; já lugares, pois, para todos que tenham boa vontade de evolucionar... evolucionar suavissimamente!...

! Mas, no fundo, bem no fundo que diferença há de um sério e convicto *afonsista* a um convicto e sério republicano *almeidista* ou *canachista* ou ainda independente?!

Todos são homens de bem, honestos e honradíssimos, não é verdade? Mas, então para que *denominações e programas* se tudo já está resumido nesta celestial e salvadora formula: —

! *Liberdade, Fraternidade e Igualdade!*

Vê-se infelizmente que qualquer partido político de hoje, como os de outros tempos, não prescinde da fundação de centros, da conveniência de ter um *periódico* que sangre um pouco a bolsa e a vaidade dos assinantes; comissões executivas e organizadoras, etc., terminando por descurrar o retrato do *respectivo pai Abraam* — o chefe!

Orgânica e materialmente, que diferença há entre isto e o que se praticava em eras de *Sam José dos Navegantes, Santo António do Vidago, ou Sam Jacinto de Penamacor?*

E ainda se ao longe não surgesse activa e destruidora a *tromba* do Socialismo!

Temos finalmente os *Indiferentes*; nunca os houvesse, pois, politicamente mesmo, quem não *ata nem desata* — não faz bem e quem assim procede — pratica um mal; todavia, como estes são os filósofos, os que nem com república ou monarquia se dão mal, — os finos enfim, que vão rezando pelas contas brancas da velhinha da lenda: — «Deus conserve lá estes nossos senhores muito tempo não suceda virem outros muito piores», — agradam-me um pouco e quasi me sinto tentado a imitá-los piamente!

Os *Indiferentes* não querem chefe; pois, cada um é chefe de si próprio.

Eu, entendo que para chefe só um homem que tivesse a sciência, a força de vontade e a nobreza de alma capaz de dizer e sentir como o imortal Fenelon: — amo mais a família do que a mim, amo muito mais a pátria do que a família e amo imensamente mais o Género humano do que a pátria!

Conhecem V. Ex.^{as}, sem parcialidade ou paixão, algum republicano com a autoridade, intelligência e força para empunhar o lábaro santo da verdadeira Liberdade, Fraternidade e Igualdade?!

Haverá, finalmente nesta terra um homem que seja simples e puramente republicano, porque só ama a República e não os bellos olhos dos chefes e os benefícios mais ou menos sumos para si, para os amigos ou mal-conversos?

Quem descobre um novo *Cincinato romano* que tam ardoroso e heróico larga um dia a charrua para salvar a pátria, quer pela espada, quer pelo conselho e para a charrua se torna com o amor, a simplicidade e a alegria de quem encontra um tesouro perdido?!

Apareça, pois, esse homem e segui-lo hei através de todos os riscos e contratempos; morrerei defendendo a sua doutrina e tenho que commigo iriam todas as almas sedentas da paz, ordem e fraternidade verdadeiras!

Que surja e trabalhe e ser-lhe não erigidas áurias estátuas em todas as cidades, vilas e aldeias da República; será a sua memória coberta de bençãos por todos os homens de bem e o seu nome balbuciado com amoroso carinho por todas as mães, esposas ou noivas!

Enquanto, porém, *ele não nasce*, jamais empregarei o meu pensamento recordando o desfazer da estátua do magnífico Nabuchodonosor: — estátuas de ouro e prata firmadas em pedestal de argila, ou porque o granito da montanha ou a faisca vingadora as toque — sempre confundem o seu pó no que o *simou* levanta no Saará inóspito e silencioso!

Sejamos, pois, republicanos sem adjectivo; não vá *perecer o nosso ouro e a nossa prata* na voragem das nossas ilusões e imerecidas simpatias!

Nivardo.

O Benjamim liquidada nesta ocasião:

Lenços de seda grandes a 1\$000 réis!! Chales finos escocêses a 1\$800 e 2\$000 réis! Kimonos-blusas a 300 e 400! Chitas a 100 e 80 réis! Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

O Liceu de Guimarães

É um facto incontestado, após o exemplo convincente da dissolução da banda de infantaria 20, que Guimarães não pode confiar cousa alguma, no que respeita à salvaguarda dos seus interesses, nos que pretendem possuir, no actual momento, o predomínio político da nossa terra. O facto oscila dentro deste dilema: ou os actuais influentes políticos do concelho não são conhecidos e respeitados além da Pisca, ou o seu amor pelo engrandecimento de Guimarães é tam limitado, que lhes não dá coragem para defenderem uma regalia de somenos importância, como seria a permanência da banda militar, ainda que representasse uma contrariedade da lei, pois que isso mesmo fez, por exemplo, para a Figueira da Foz, o sr. Correia Barreto. Daqui não há fugir: ou eles não *pesam* cousa alguma lá em cima ou o seu amor por esta terra é uma história. Nós vamos pela primeira.

E não se adusa o capcioso argumento de que tal medida, e outras que se lhe seguirem, (e não de seguir-se) representam a *rèvanche* contra a velha afeição de Guimarães ao extinto regimen. Isso é uma rica história para crianças, que se desfaz em frente da atitude do governo para com Cabeceiras de Basto e outros pontos do país, onde os elementos monárquicos não ocultaram a sua expansão há bem pouco tempo ainda.

Mas o caso da banda é absolutamente secundário em frente de novos perigos que ameaçam Guimarães. Há alguma cousa mais séria, mais grave: é o liceu. Acautelem-se os que nele teem o seu ganha pão, defendam-se os que da sua existência tiram uma das mais intensas fontes de riqueza no comércio e na indústria.

Há no parlamento projectos de reforma de instrução secundária — que não sabemos se o governo filiará ou não, porque não sabemos também se o actual governo estará ainda a tempo da sua discussão no poder, — e em que, por entre outros, o liceu de Guimarães vai á degola. E' a pancada de preto. De nada lhe valerão os seus 22 annos de existência cheia de brio, tendo saído das suas escolas nomes de destaque no professorado, no exército, no jornalismo e até mesmo individualidades que fazem parte do parlamento. De nada lhe servirá a sua frequência cada vez mais numerosa, o seu professorado distintissimo! Se não houver quem dê o grito de alarme, o *crime* pratica-se.

Mas fale quem tem que falar, quem deve falar. Falem a horas e energicamente a Associação Commercial, a Sociedade Martins Sarmiento e todas as colectividades que, directa ou indirectamente, afora o seu amor próprio de vimezanenses, tem interesse na sustentação do nosso primeiro estabelecimento de instrução. E' preciso agir a horas e dizer alto que Guimarães tem cumprido honradamente o seu dever, dando ao liceu a frequência que demonstra, incontestavelmente, a necessidade da sua existência.

As condições excepcionais em que está organizado o nosso liceu, com o seu esplendido internato, pode representar, num decênio, uma incalculável riqueza para Guimarães. Ponto está em que a sua administração e propaganda sejam inteligentes e tenazes.

Fiamos muito que assim será, porque o seu actual director dedicou-se com verdadeiro entusiasmo e isenção á sua obra, em que esperamos muito poderá fazer ainda, se... de lá de cima não vier o golpe. E' preciso, para o evitar, que se não confie demasiado em preponderâncias políticas que não chegam sequer para sustentar... um bombo e uns pratos.

X.

A FOME

O norte do país vai ter um mau ano agrícola.

As colheitas, a julgar por vários indícios, antollham-se tam más como já há muitos anos as não ouve.

Os meteoros pluviosos que tam frequentes e continuados teem sido nos meses do estio, teem prejudicado a fecundação e maturação do milho que é o principal cereal das regiões do norte.

Os milhos temporãos, posto que estejam bem espigados e mostrem boa aparência, teem as espigas deficientemente granadas. Os seródios, esses, se o tempo úmido e fresco continuar, talvez nem cheguem a espigar. O *deficit* da colheita deve ser extraordinariamente grande.

A produção vinícola que parecia assás prometedora, também ficará muito longe do que a prin-

cípio se calculava. As uvas em consequência da excessiva umidade que tem havido na estação estival, começaram a apodrecer nas arvores e nas latadas mais folhudas. Ainda estão mal roxas e algumas inteiramente verdes e já invadidas dum bolor putrefacientete e de má qualidade.

A fome, acompanhada dos seus horrores exasperantes, parece estar já a bater á porta dalgumas famílias mais necessitadas. E a agravar esta dolorosa situação, cheia de sinistras apreensões, há muitos lares desorganizados por efeito dos acontecimentos políticos que se teem dado entre nós.

Muitos homens válidos que eram o amparo da família, encontram-se encerrados nas cadeias ou emigrados no estrangeiro.

Quantos pais ou mães, quantas esposas, quantos filhos de tenra idade não se encontram já em grandes apuros por ausência daqueles que eram o seu ganha-pão?

O futuro apresenta-se nos carregado de escurezas e prenhe de temerosas ameaças.

E' indispensável que os poderes públicos, esquecendo-se por um pouco das malditas contendas políticas, ponham olhos atentos na tremenda crise que se está aproximando de nós. E' uma loucura que pode ter as mais lamentáveis consequências, pensar no mal sómente quando elle atingir toda a sua assustadora acuidade.

A fome não tem lei, é um ditado velho. Por isso, se o governo tem verdadeiro zêlo com a ordem pública, deve tomar todas as providências que concorram para a manutenção da mesma. E para isso é necessário que a fome com as suas alucinações de desespero não invada as fileiras do proletariado. A primeira necessidade do homem é comer. Sem comer não se pode viver e muito menos trabalhar.

E' extremamente angustiosa a situação em que se encontra o povo do norte. A próxima colheita agrícola é má, nalgumas famílias sente-se já uma grande miséria, a falta de trabalho é cada vez maior. Por aqui fácil é de calcular como será atormentada amanhã a vida dos que não teem outros recursos senão o seu trabalho.

O governo não pode descurar esta questão que agora se lhe esboça já pavorosa e que dentro em pouco tempo será duma gravidade incalculável. E como uma questão desta ordem não pode ser resolvida pelos esforços dum só homem ou dum só partido, o que há a fazer em primeiro lugar é restabece o sossêgo público, a mútua confiança entre todos. Divididos e desconfiados como estamos uns dos outros, não podemos congregiar os nossos esforços na debelação do mal que nos ameaça.

Acabe pois, por uma vez essa politica de suspeitas temerárias e de ódios rancorosos; essas vinganças mesquinhas e essas perseguições injustas. Lembremo-nos de que todos somos portugueses e que portanto temos e devemos ter interesses comuns.

Se não nos unirmos amigável e fraternalmente, cada vez multiplicaremos mais os nossos males e os nossos sofrimentos.

O veneno da politiquice que penetrou no seio da nossa sociedade, é que nos tem matado.

Se não tomamos juizo, pondo de lado as estêreis e esterilizadoras questiúnculas partidárias, vamos ter uma morte vergonhosa como nação e atormentadora como particulares.

Haja pois, juizo.

P. A.

Comprei os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

Vagueando

Na Penha

«Tardes de amor, ó noites estivais como tardastes tanto!»
Ainda há pouco chilreavam os pardais Ouvindo-me de entre os milharais soltar o mesmo canto.

Tardes de amor passadas nas alturas que nos mostram o além,
Em vós esqueço a peste das agruras Pensando cavalgar nas sepulturas que tantas vidas têm.

Sentado num colosso de granito,
Oh naturezas belas!
Eu distingui tam perto êsse infinito Sem segurar o meu louvor num grito ao mar e as estrelas!

Vi o baquear do Sol sobre as águas com scenas magistraes!
Eu vi, como patético, essas fráguas Formar conjuntamente as nossas máguas em fumosos casais.

Assim perto do Céu a natureza, silenciosa em redor,
Fêz-me tremer uma oje de pobreza Sentindo que sobre esta redondeza impera um só senhor!

Levantava-se a Lua sorridente por entre a escuridão;
Em mim sentia aquele amor latente Que outrora me tornara tam contente hoje sendo ingratião.

Lá memorei os dias de tormento, as horas cruciantes,
Que, sob as vasças dum cruel intento, Eu passei abstraindo o pensamento dos dias dos amantes.

E se não fôra o convívio fraternal, o piquenique augusto,
Da vida a proa, as tentações do mal Não me iriam além dum animal a dormir como um justo!

Mas eu ainda recordo, entre suspiros as preces que levei
A Virgem que no cume dos retiros Nos olha, coroada de vampiros, p'ra glória á nossa grei!

Setembro de 1912.

R. E.

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à Loja do Benjamim, ao Toural, que é a única casa que as tem, nesta cidade, da reputada e garantida marca Derby 1912. Bicycletas desde 22\$000 a 50\$000 réis.

Haverá crime?

O sr. Manuel Rodrigues Guimarães, negociante e proprietário da freguesia de S. Martinho de Candoso, deste concelho, ia no dia 1 do corrente para tomar a sua habitual chavena de leite e ao prová-lo, depois de lhe deitar o açúcar, notou que elle ainda amargava bastante pelo que lhe deitou mais açúcar.

Vendo porém que elle continuava a amargar, pô-lo de parte, e a criada mais tarde ia para o dar a um filho mas, como elle estivesse dormindo, lançou-o junto com uma porção de vianda aos suínos os quais, depois de comerem, principiaram a dar indícios de grande aflicção, sendo salvos em razão de lhes terem feito ingerir grande porção de azeite.

Vê-se que o leite se encontrava envenenado e com grande doze de tóxico, para produzir o efeito notado nos suínos. ¿Tratar-se há dum crime?

O caso já está affecto á autoridade competente para esta proceder ás necessárias averiguações.

Se efectivamente se trata dum crime, como tudo faz prever, só um grande malvado o podia cometer, porquanto o sr. Manuel Rodrigues Guimarães é um homem muito honesto e muito respeitador por toda a gente que só nele encontra bondade, socorro e bom exemplo.

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Zoual, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam: The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colégio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luis Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MÁQUINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
FÁBRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MÁQUINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha) . . . 1\$200 rs.
Semestre 600 „
Trimestre 400 „
Pelo correio acresce o porte.
Número avulso 30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha 20 „
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os stts. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^{mo} Sr.